



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 16 | Nº. 31 | Jul./Dez. de 2024

Mauro Sérgio Lima Oliveira

Universidade Federal do Tocantins / UFT.

Mauro.mslo@gmail.com

A MEMÓRIA E O TRAUMA NA LITERATURA DE TESTEMUNHO: Uma análise a partir da obra “pesadelo: narrativa dos anos de chumbo”, de Pedro Tierra.

RESUMO

Objetivou-se no artigo analisar a relação entre as teorias psicanalíticas e o gênero literário de testemunho frente aos traumas da Ditadura Militar no Brasil (1964). A investigação da obra *Pesadelo: Narrativas dos anos de chumbo* (2019) a partir dos estudos históricos e o processo analítico nos ajudaram a compreender as repetições e eventos traumáticos ante uma sociedade sem memória.

Palavras-chave: Literatura de Testemunho; trauma; Pedro Tierra.

ABSTRACT

The objective of the article was to analyze the relationship between psychoanalytic theories and the literary genre of testimony in the face of the traumas of the Military Dictatorship in Brazil (1964). The investigation of the work *Nightmare: Narratives of the Leading Years* (2019) based on historical studies and the analytical process helped us understand the repetitions and traumatic events in a society without memory.

Keywords: Testimony Literature; trauma; Pedro Tierra

Introdução

Segundo Marcondes (2021), toda memória individual também é “aspecto da memória de um grupo”, pois o fato de narrarmos determinadas memórias pessoais nos apossamos dos discursos, que foram produzidos a partir da sociedade em que vivemos. Maurice Halbwachs (1990) compactua com a mesma ideia, pois segundo o autor, a memória individual é constituída por grupos sociais, ou seja, são as vivências em grupo, ou seja, as memórias coletivas, que vão determinar o que será lembrado.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetivos que só nos vimos. (Halbwachs, 1990, p. 25-26).

Portanto, nessa perspectiva, a obra ficcional de Testemunho de Tierra rompe com o limiar entre as memórias e os traumas coletivos resultantes da excitação pulsional do legado da ditadura militar brasileira, para serem materializadas a partir de suas reminiscências. Para Pedro Tierra (2019), o ato da narrativa implica no enfrentamento dos traumas e medos, e ajuda a denunciar as tiranias que atormentam a história da humanidade.

Objetivou-se no artigo em questão refletir acerca da relação estabelecida entre as teorias psicanalíticas e o gênero literário de *testemunho*, o que nos vincula à possibilidade da reflexão a respeito da memória individual frente aos traumas decorridos dos pesadelos da Ditadura Militar no Brasil (1964). O estudo não parte da ideia de traçar análises a partir das teorias literárias, mas, pensar a historicidade do evento a luz das teorias da psicanálise freudiana.

Nosso ponto de partida à investigação histórica no artigo em questão é realizamos um breve relato histórico-biográfico de Hamilton Pereira, desde a sua chegada ao antigo norte goiano ainda na infância, perpassando pela sua imersão à política até a utilização do heterônimo de Pedro Tierra, para compreendermos a contextualização histórica de suas experiências de vida durante a Ditadura

Civil-Militar no Brasil, cujo resultado culminaria com as experiências traumáticas de tortura advindas do recrudescimento do AI-05.

Posteriormente, direcionaremos nossa reflexão para a obra *Pesadelo: Narrativas dos anos de chumbo* (2019), de Pedro Tierra, mais especificamente os contos, “Sinfonia n.02” e “Ao filho do alfaiate, para que seja condenado à perpétua insônia”, objetos de investigação na pesquisa. As reminiscências materializadas nas narrativas do livro foram cruciais para compreendermos que a obra se encaixa no gênero literário de *testemunho*¹.

Segundo Monteiro (Apud Seligmann, 2002) a literatura do testemunho não intenciona representar o passado, contudo, ela visa a reconstrução dos eventos no presente. Nesse sentido nos diz Tierra,

Penso que há ainda muito mais a dizer sobre aquele período do que já foi dito. As zonas de sombra predominam sobre as que foram esclarecidas pelas abnegadas pesquisas e buscas de familiares, militantes, jornalistas, historiadores. Então, o escritor é chamado a dizer por meio da ficção a verdade que o relatório, o boletim, o depoimento não capturam. (Tierra, 2019, p. 18).

Portanto, depreende-se que a obra *Pesadelo* (2019), situa-se nos limites que a confere o estatuto de testemunho. Nota-se a partir das reflexões do autor ao dizer que sua

[...] criação literária adquire uma dimensão de testemunho histórico que os memorandos burocráticos não alcançam. Assim, a responsabilidade e o compromisso do escritor com o que escreve assumem uma condição definidora de sua própria existência como agente social e como artista. Desse modo, o escritor se liberta da solidão do ato de escrever, como testemunha, para integrar-se nessa incessante busca das sociedades e das culturas: decifrar, e não raras vezes denunciar, o sentido ou o sem sentido das tiranias que atormentam a história humana. (Tierra, 2019, p. 18–19).

A psicanálise e literatura de testemunho

O movimento de renovação historiográfica encabeçados por Marc Bloch e Lucien Febvre², em detrimento da historiografia factual de natureza política,

¹ (...) denominamos por testemunho, grosso modo, o depoimento e/ou a fala de alguém, comumente, em juízo, ou seja, uma fala construída a partir da recuperação da lembrança de um evento importante para o indivíduo que dá seu testemunho e/ou para o grupo ao qual ele pertence (testemunho jurídico). (Batista; Pantoja, 2014, p. 04).

² Febvre e Bloch combatiam, pois, uma história somente preocupada com os fatos singulares, sobretudo com os de natureza política, diplomática e militar. Combatiam uma história que, pretendendo-se científica, tomava como critério de cientificidade a verdade dos fatos, à qual se poderia chegar mediante a análise de

culminaria na denominada *Nova História*. Segundo Vainfas (1997), a respeito desse movimento, a *Nova História* seria “uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar”. Permitiu também que os historiadores ampliassem os conceitos de fontes históricas e colocassem seus objetos frente a novos questionamentos e abordagens.

A interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento se fez frente às reflexões em torno dos novos questionamentos que surgiram. Nesse contexto, que a inserção do método psicanalítico freudiano e as representações simbólicas da Literatura à disciplina História foram postas a novas formas de abordagem para o constructo historiográfico.

A inserção das premissas psicanalíticas no ofício historiográfico surge das reflexões em torno de dois autores que dedicaram parte de seus estudos a respeito do legado das contribuições freudianas para se pensar nas relações possíveis entre as duas áreas do conhecimento, a Psicanálise e a História.

Partindo de princípios distintos quanto à abordagem, situam-se as contribuições de Peter Gay³, com a obra *Freud para Historiadores* (1985), e *História e Psicanálise: entre ciência e ficção* (1987), de Michel de Certeau. Dois livros constantemente revisitados por qualquer historiador que busca agregar seus objetos de estudo às teorias psicanalíticas.

Assim como a Psicologia, a Literatura também assumiu seu papel de importância dentro desse contexto do movimento dos *Annales*, como significativa fonte para análise das representações sociais. Nesse sentido, depreende-se que “tanto a escrita histórica como a literária compartilham um

documentos verdadeiros e autênticos (ficando os “mentirosos” e falsos à margem da pesquisa histórica) — história que tinha na *Introduction aux études historiques de Langlois e Seignobos* (1897) o seu exemplo maior e principal alvo da crítica. Combatiam, enfim, uma história que se furtava ao diálogo com as demais ciências humanas, a antropologia, a psicologia, a lingüística, a geografia, a economia e, sobretudo, a sociologia, rainha das disciplinas humanísticas na França desde a obra de Durkheim. (Vainfas, 1997, p. 104).

³ “(...) historiador norte americano. Estudioso da psicanálise freudiana, são dele obras como “*A Experiência Burguesa: de Vitória até Freud*”, “*Freud uma vida para o nosso tempo*” (obra biográfica de Freud) e “*Freud para historiadores*”. Nessas obras, ou utiliza-se a teoria psicanalítica como ferramenta de interpretação do passado, ou analisa-se vida e obra de Freud, ou ainda, no caso de “*Freud para historiadores*”, defende-se, de forma eloquente, o emprego da psicanálise pela história. (Steinbach, 2011, p. 05). Gay é enfático em sua alegação quanto a utilização do método psicanalítico defendendo a ideia de que todo historiador, sabendo ou não, opera em suas análises como uma espécie de psicólogo amador. Segundo o autor, todo historiador profissional, sabendo ou não atua como um psicólogo, enfatiza Peter Gay, um psicólogo amador, por operar sobretudo com uma teoria que diz respeito a natureza humana. (Peter, 1989).

ambicioso projeto de apreender as realidades humanas, evidenciando a força das representações do passado propostas por esses dois diferentes discursos.” (Grecco, 2014).

O discurso literário amplia os leques da investigação histórica enquanto possibilita ao historiador uma melhor compreensão das representações sociais, ou seja, “Mesmo se tratando de fruto da imaginação de um indivíduo, o texto literário tem o real como referência. É neste ponto que há uma aproximação entre a História e a Literatura. As duas remetem à experiência humana, à realidade social”. (Brito, 2013, p. 256).

Nessa aproximação, entre a História e a Literatura, situa-se o gênero *de testemunho*. O contexto no qual esse modelo literário surge se dá nos acontecimentos catastróficos que marcaram o século XX⁴, o Holocausto na Europa e regimes ditatoriais na América Latina. As narrativas na Literatura de Testemunho são construídas a partir dos relatos testemunhais dos sobreviventes que passaram por experiências traumáticas.

Esse subgênero caracteriza-se por trazer relatos de sobreviventes àqueles eventos extremos. O local de nascimento do testemunho será responsável por um traço muito recorrente nas narrativas: a impossibilidade. Ela surge, primeiramente, em razão de as marcas, provocadas pelos eventos traumáticos no narrador, serem agressivas, configurando uma ferida que ressurge e dói, cada vez que o evento é lembrado ou narrado. Segundo, por serem narrativas ligadas a eventos históricos que, muitas vezes, possuem contornos políticos e tentativas de silenciamento, em virtude de arbitrariedades e/ou violências tematizadas, denunciadas e/ou registradas por estes textos, e desse modo os testemunhos esbarram uma impossibilidade ligada à circulação. (Batista, 2014, p. 01).

Nesse sentido, é importante mencionar a figura de Seligmann-Silva. Dedicando grande parte dos seus estudos às representações das catástrofes, mais especificamente o *Holocausto*, a partir da obra de Primo Levi, expressa no prefácio *É isto um homem* (1947), o autor construiu seus primeiros passos rumo às reflexões para se pensar o *testemunho*. Para Seligmann a narrativa se constituía como elemento necessário para a construção do diálogo ou para

⁴ Segundo Eric Hobsbawn, em seu livro, *A era dos Extremos* (2008), o autor definiu o século XX como a era das catástrofes, justamente por todos os efeitos deletérios ocasionado pela mão do homem nesse curto século: entre 1914 e 1991. Hobsbawn restringiu esse século como breve, porém intenso e nefasto, que vai desde a eclosão da I Guerra Mundial até o final da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Segundo o autor, mesmo o século sendo curto, seus personagens principais foram capazes de infringir muita dor e mudanças radicais, distinguindo-se, portanto, drasticamente do período antecessor da *Belle Époque*. Portanto, a Literatura do Testemunho nasce como relato dos sobreviventes das catástrofes emergidas no século XX. (Figueiredo; Santos, 2020, p. 301).

estabelecer uma espécie de *ponte* com ‘os outros’, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lager* (*campo de concentração*). O testemunho, segundo Seligmamm (2008), vai se caracterizar como uma atividade elementar, pois ele depende daquele que volta de uma situação radical de violência, que desencadeia nele a necessidade de testemunhar, ou seja, de narrar para o “outro”.

De acordo com Figueiredo (2020), essa modalidade literária se bifurca em dois eixos. Um primeiro segmento, denominado de *Shoah*, “ramo literário como reflexo das agruras vividas pelos judeus durante o período do nazismo na Europa e, posteriormente, da sobrevivência e libertação judaica dos campos de concentração”. E outro segmento, denominado de *Testimonio*⁵, modelo no qual as literaturas da América Latina se enquadraram.

O Brasil se inseriu nessa modalidade de literatura nos anos 1970 com o recrudescimento do regime militar, mais precisamente com o advento da anistia⁶, o que conseqüentemente contribuiu para explodir por todo país várias produções memorialísticas de relatos de militantes presos políticos e suas vivências no exílio, cuja finalidade era a denúncia dos episódios de extrema violência que marcaram o período.⁷

Trauma, memória e pesadelo.

Nas literaturas de testemunho as noções de traumas, catástrofes, dramas mobilizados por lembranças e memórias são trabalhados fortemente

⁵ Esse subgênero caracteriza-se por trazer relatos de sobreviventes àqueles eventos extremos. O local de nascimento do testemunho será responsável por um traço muito recorrente nas narrativas: a impossibilidade. Ela surge, primeiramente, em razão de as marcas, provocadas pelos eventos traumáticos no narrador, serem agressivas, configurando uma ferida que ressurgue e dói, cada vez que o evento é lembrado ou é narrado. Segundo, por serem narrativas ligadas a eventos históricos que, muitas vezes, possuem contornos políticos e tentativas de silenciamento, em virtude de arbitrariedades e/ou violências tematizadas, denunciadas e/ou registradas por estes textos, e desse modo os testemunhos esbarram em uma impossibilidade ligada à circulação. (Batista; Pantoja, 2014, p. 1-2).

⁶ [...] Lei da Anistia foi sancionada em 28 de agosto de 1979, mas excluiu aqueles “condenados pela prática de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal” (Brasil, 1979). Além disso, perseguidos políticos da sociedade civil e violadores de Direitos Humanos do aparato burocrático-repressivo da ditadura foram indiscriminadamente beneficiados. A lei foi revista em 1985, de modo a assegurar tratamento mais eficiente às vítimas de demissões e aposentadorias compulsórias durante a ditadura, conforme será explorado a seguir (Motta, 2023, p.09).

⁷ A critério de exemplo cita-se as obras, *Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura* (1999); *Batismo de sangue* (2000); *Amores exilados*; em 2012, Mário Magalhães conta a vida de Carlos Marighella em *Marighella: guerrilheiro que incendiou o mundo* (2014), e diversas outras produções em filmes como *Lamarca* (1994) e *O que é isso companheiro* (1997). (Calegari; Haiski, 2019, p. 36).

(Figueiredo, 2010), o que conseqüentemente abre-se espaço para novas práticas interpretativas do passado, permitindo ao historiador o diálogo entre a História e a Psicanálise, ou seja, relacionar a historicidade do evento às teorias psicanalíticas freudianas.

As concepções freudianas do trauma que abordamos no artigo advêm dos seus estudos das neuroses de guerra. Portanto, cabe ressaltar que os conflitos resultantes da primeira guerra (1914) permitiram Freud repensar as teorias sexuais das neuroses, sobretudo pelo fato de que durante esse conflito os congressos internacionais psicanalíticos não cessaram.

As neuroses traumáticas, segundo Freud (apud Jaques, 2019), “se distinguem das neuroses comuns por características particulares. Segundo ele, as neuroses de guerra são neuroses traumáticas desencadeadas por um acontecimento traumático ou provocadas por um conflito no eu”. Nesse sentido, as neuroses surgem, segundo Freud, tanto de estímulos internos (libido) quanto de estímulos externos (violência), impelindo ao “eu”, a urgência da satisfação pulsional. (Jaques, 2019).

O trauma,

é uma ferida na memória, uma excitação vinda de fora suficientemente poderosa capaz de atravessar o escudo protetor do aparelho psíquico. Essa ferida, não cicatrizada, causaria, portanto, um sofrimento repetido do evento. O trauma, então, seria algo não findado e atemporal. O alívio da dor repousaria na necessidade de um processo hermenêutico do episódio violento, sendo que a narração assumiria função terapêutica. Ou seja, a terapia não se realiza se o paciente não narrar determinadas experiências, se não trazer à memória certos acontecimentos e, conseqüentemente, externalizá-los. (Freud, 1976, apud Calegari; Haiski, 2019, P. 34).

Portanto, podemos conceber o trauma como derivado do excesso de energia proveniente de situações limites nas quais o sujeito não pode administrar, e, posteriormente, tendendo a recalca-lo. O ato de rememorar nem sempre pode ser feito de forma espontânea, pois as reminiscências da dor e da violência insistem em ficar somando-se as imposições do regime que tendem somente a colaborar. Nesse sentido, esquecer não implicaria necessariamente que o evento tenha saído do inconsciente, mas, “ao contrário, ele continua e persiste como ‘uma camada latente’, que continua agindo como inconsciente, trabalhando, rumorejando e assustando a alma”. (Weinrich, apud Walkiria, 2010).

Para que a Ditadura Militar Brasileira, notadamente marcada pela violência e traumas, não seja esquecida ou negligenciada, ela mais do que tudo precisa ser relatada e contada. Segundo Vargas (2012), não só o historiador, mas também o poeta, o narrador têm o dever de não deixar o passado cair no esquecimento. O papel de ambos se faz necessário, já que relatar episódios traumáticos podem se tornar impossíveis de serem narrados pelas vítimas, uma vez que o trauma promove uma ruptura entre o sujeito e os mecanismos simbólicos, em especial a linguagem.

As teorias psicanalíticas são fundamentais para compreensão da historicidade de eventos como a ditadura brasileira. Contudo, nos apropriaremos das reflexões de Freud em *Recordar, Repetir e Elaborar (1914)*, por acreditarmos que o texto em questão nos propõe dialogar com as teorias da psicanálise frente às historicidades das catástrofes do século XX para uma melhor compreensão desses eventos no tempo presente.

No texto, Freud “trata das resistências que impedem que acontecimentos traumáticos do passado sejam trazidos ao consciente, ficando recalçados no inconsciente”. (Fornos, 2018). Segundo Seligmann (2008), a memória dos eventos traumáticos é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho da memória individual e outro construído pela sociedade.

Nesse sentido, compactuamos com Silva (2010), ao inferir que

A memória coletiva é parte fundamental para a coesão social. Conforme as ideias de Maurice Halbwachs acerca da memória coletiva, esta ocorre não por meio da imposição, mas pela adesão afetiva, a partir da qual os membros de um grupo compõem a sua memória sobre algo passado que lhes é comum. A memória deve ligar-se aos contextos sociais que serviram de base para sua construção. Desta forma, a memória individual entrelaça-se de maneira indissociável à existência social da qual faz parte. No discurso da memória, passado e presente se intercambiam, no esforço de manter o passado presente. (Silva, 2010, p. 513).

Uma sociedade sem memória, que não recorda, tende a repetir ou atuar aquilo que ela não pode lembrar, abrindo espaços para revisionismos relativistas. Toma-se como exemplo o governo do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, cuja política de governo contém características típicas do fascismo, portanto, depreende-se que a sua política de governo é um desdobramento de uma sociedade que não conseguiu rememorar os anos de chumbo. Deste modo, sem memória, não há elaboração e, conseqüentemente, caímos na repetição. O

processo de conscientização histórica pode ocupar esse lugar, no qual o sujeito poderá reconhecer os motivos dessas repetições não refletidas e, a partir de então, iniciar um processo de mudança (Soares, 2021), que podem ser compreendidas a partir do trabalho de luto e da elaboração.

Segundo Freud (2013), o luto “é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc”, portanto, uma sociedade que passou pelo processo do luto pode potencializar nessa mesma sociedade a necessidade de um possível retorno a vida, de conscientização da sua historicidade. O contrário constituiria uma sociedade melancólica⁸, apática e sujeita a repetições.

No processo da elaboração,

o sujeito tem a oportunidade de refletir sobre o seu sofrimento (origem) a partir de seus sintomas. Ele, ao se voltar para o passado, capta nos fragmentos da memória aquilo que é inconsciente, e a partir disso pode construir recursos simbólicos para nomear o que antes estava recalcado; ao nomear, dá início ao processo de construção da narrativa historicizada do sujeito, na qual o que era recalcado no inconsciente (Id) ganha sentido e passa para o plano do consciente (eu), o que o faz sofrer vai sendo compreendido e com isso uma perspectiva de melhora da vida prática vai se instituindo. (Soares, 2021, p. 05).

A História, juntamente com a Literatura, tem um papel decisivo nesse sentido, em cumprir a sua função na tomada da conscientização dos sujeitos perante os seus sintomas sociais a partir do processo da elaboração.

Biografia de Hamilto Pereira,-Pedro Tierra⁹

*“Vivo em tempos de tirania.
Escrevo para quem está predisposto
a indignar-se e lutar contra ela.”
(Pedro Tierra).*

⁸ A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (Freud, 2013, p. 28).

⁹ Informações obtidas através da tese intitulada, “**Pedro Tierra, o poeta da resistência: os Poemas do povo da noite e a poesia de testemunho**”. Segundo a autora, as informações “apresentadas foram obtidas em uma entrevista com o autor realizada em 25 de março de 2016 e as gravações em áudio estão disponíveis para consulta. O objetivo aqui não é contar uma história imparcial do percurso do poeta, pelo contrário. Temos consciência de que esse registro não é isento de comprometimento ideológico. Trata-se da apresentação da visão de Hamilton sobre a construção do artista engajado Pedro Tierra. (Camila, 2017, p. 09). Portanto, nesse estudo seguiremos a mesma trajetória da autora.

Hamilton Pereira, nascido por volta do “dia 6 ou 26 de julho, não há certeza, de 1948” (Camila, 2017), filho mais novo dos lavradores Sabino Pereira e Ana Costa. Retirantes provenientes do estado do Piauí chegaram na região do antigo norte do Goiás nos anos de 1930, mais especificamente a cidade de Porto Nacional, fugindo “*da seca e da cerca*”¹⁰. A trajetória de vida da sua família na cidade escolhida para montar moradia permeia um universo marcado por perseguições e a inserção de irmãos no meio político. Seu Pai, lavrador e de pouca instrução educacional, se ocupou de diversos ofícios para sustentar e manter uma educação formal para os sete filhos. Sua mãe, apesar de pouco tempo de escola, era a única escolarizada da família, segundo Hamilton.

Ana Costa costumava escrever cartas para amigos e familiares no Piauí, chamando-os a vir morar no Goiás. Segundo ela, a região era proveniente de terras em abundância e de fartas águas, o que, conseqüentemente, acabara por fazer desembarcar na cidade de Porto Nacional diversos imigrantes piauienses. Conseqüentemente, a chegada de levas de imigrantes daquela localidade formou-se uma pequena comunidade piauiense na cidade gerando desconforto para os Chefes da tradicional política local e “viram aquela família com desconfiança, uma vez que Lampião ainda estava na ativa e a Coluna Prestes havia passado por aquelas terras quatro anos antes.” (Camila, 2017, p. 11). Na ocasião, as famílias da cidade foram orientadas pelo principal coronel da época a não comprarem os produtos que seu Sabino vendia, entretanto, devido a uma disputa política que o major da cidade tinha com o coronel, ele decidiu não acatar as suas ordens, salvando a família de Hamilton Pereira.

Seu irmão, José Marcondes Pereira, após decorrido mais de 30 anos de sua chegada em Porto Nacional ainda no colo, teria feito carreira política na condição de prefeito na mesma cidade, cuja trajetória política se deu em meio à luta contra o coronelismo local. Entretanto, com a instalação do golpe militar em 1964, “seu irmão, então prefeito, sem um processo sequer, foi simplesmente afastado da prefeitura e a política se tornou debate cotidiano da família Pereira, que a enxergava como um instrumento de ascensão social—e era ligada a Jango e Juscelino Kubitschek.” (Camila, 2017, p. 10).

¹⁰ Informação verbal de Hamilton Pereira na entrevista realizada em 25 de março de 2016. (Camila, 2017, p. 09).

Aos 11 anos, Hamilton experimentou uma breve experiência no seminário cuja formação dos padres se dera por Pio XII, porém, foi expulso no ano seguinte. Posteriormente, mais precisamente aos 14 anos, ingressaria na ordem dominicana em Juiz de Fora. Os anos de 1966 e o de 1967 foram bastante relevantes para sua carreira no meio da arte. Durante esse período, foi morar em Curitiba com um irmão, que serviu ao exército e estudou em uma das melhores escolas da cidade. O acesso à biblioteca teria ampliado o seu universo cultural, sendo interrompido com a Ditadura, que na ocasião impedia a chegada de livros de cunho literário latino-americano no Brasil.

O início do processo de militância se dá com a sua chegada no Goiás. Primeiramente militando no movimento estudantil enquanto secundarista, e mais tarde, na CENOG¹¹. Foi através dessa instituição que Hamilton teve sua participação no teatro, colaborando com a criação dos espetáculos *O pagador de promessas*, *Opinião e liberdade liberdade*.

Com a instalação do Ato Institucional Nº 05¹², que entrava em vigor em 1968, e com ele todo o aparato de repressão e força institucional impactaram diretamente no teatro, que atuava como uma das mais importantes frentes de combate ao golpe militar dos anos 60 no Brasil (Camila, 2017). Foi nesse contexto de censura e repressão que Hamilton assumiu o heterônimo de Pedro Tierra¹³, período que escreveu com mais intensidade e teve a sua primeira publicação literária no jornal intitulado *Folha da Semana* do Partido Comunista.

Resultante do efeito do AI 05, a CENOG foi fechada em março de 1969, até então presidida por Pedro Tierra. Nesse mesmo período começa a atuar na clandestinidade tendo os primeiros contatos com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que já caminhava para o seu processo de divisão resultante da discordância quanto a forma de atuação contra a ditadura, tendo se alinhado a

¹¹ Em 10 de outubro de 1960 o Professor Ruy Rodrigues da Silva, de Porto Nacional, cria a Casa do Estudante Norte Goiano (CENOG), com sede em Goiânia e filiais em Pedro Afonso, Dianópolis, Miracema, Porto Nacional, no estado de Goiás, atualmente Tocantins, e Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro. Presidida, em 1961, por Vicente de Paula Leitão e depois por José Cardeal dos Santos, a CENOG passou a publicar o jornal PARALELO 13, focalizando a criação do Estado do Tocantins, (...). (Rodrigues, 2008, p. 108).

¹² Dalmo Dallari enfatiza que o AI-5 foi responsável pelo recrudescimento das arbitrariedades e violências praticadas pelos militares: “prisões arbitrárias, tortura, desaparecimento de pessoas, invasões a domicílio, cassação de direitos e ampla corrupção, tanto quanto ao uso das instituições públicas quanto relativamente aos desvios de recursos públicos”. (Camila, 2017, p. 17).

¹³ Daqui em diante, no texto, usaremos o heterônimo Pedro Tierra para nos referir à figura de Hamilton Pereira.

ala dirigida por Carlos Marighella, que posteriormente daria origem a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que defendia o embate armado.

Na tentativa de concluir os estudos, Pedro Tierra volta para Curitiba na situação de clandestino, porém com a fortificação da Central Nacional de Informações (CNI) frustrou as suas expectativas de cursar uma faculdade, saindo de cidade no final do ano após a morte de Marighella indo morar no estado de São Paulo onde permanece em total isolamento durante um período de três anos, que segundo ele, é marcado pela escrita de muitos textos que acabaram se perdendo.

A ANL, organização na qual atuava, era o principal alvo por parte dos militares, uma vez que era o organismo responsável pelo sequestro do embaixador norte-americano. A atuação política de Pedro Tierra era a de acompanhar células universitárias da ANL em Brasília e Goiânia quando foi preso pela Ditadura Militar, aos 24 anos. Foi levado à cidade de Anápolis pelos policiais, respondendo seu primeiro interrogatório em Goiânia, onde, posteriormente, foi levado a Brasília. (Camila, 2017).

A obra, O Pesadelo (2019)

Escrita em 2019, com o apoio da Fundação Perseu Abramo, a obra de ficção *Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo* (2019), de Pedro Tierra, mostra, metaforicamente, a narrativa de testemunhos que são compartilhadas com o autor a partir de suas vivências durante o período da ditadura brasileira. A obra, escrita nos últimos três anos que antecederam o ano de sua publicação, emerge como uma espécie de prelúdio do que estaria por vir da política de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, governo este marcado por um crescimento de valores que beiram o fascismo.

Esse livro foi escrito nos últimos três anos. Nasceu de uma premonição. Sem lhe dar importância, insistia em afastá-la, mas ela voltava. Algo assim, você olha em torno, lê, apalpa e percebe: eu já passei por esse lugar ou, já vivi esse momento, ainda que com ligeiras modificações de ênfases e personagens... Sigo vivendo num país que não cultiva memória –, portanto, sempre corre o risco de repetir suas tragédias – então bate à minha porta o poeta Vladimir Maiakovski e o *mandato social* que formulou durante o vendaval da Revolução de Outubro e me convoca a escrever, a pôr no papel as premonições como sinal aceso sobre os caminhos que abriremos com nossos próprios pés... (Tierra, 2019, 17 – 18).

A obra está estruturada em 07 contos, versando verossimilhança e ficção, carregado de linguagem metafórica. Urge da necessidade do autor em descrever as torturas, os traumas, memórias e pesadelos da ditadura militar brasileira a partir de diálogos que manteve com companheiros de cela e das próprias experiências vividas.

Tierra escreve do ponto de vista do torturado, do sobrevivente, relato claro de testemunho dos ocorridos dos anos 1970, daquele cujas reminiscências dos abusos ecoam de forma explícita na obra.

O primeiro conto, objeto de nossa análise, intitulado *Sinfonia N. 2*, composto por V partes na qual o autor traça uma narrativa acerca das reminiscências traumáticas de tortura de um sobrevivente, utilizando como elemento de fundo Sinfonia nº 2 de Jean Sibelius, que tocava incessantemente durante as sessões de violência, mostrando o sofrimento físico e psicológico do narrador, enquanto o mesmo é submetido a várias seções de choques, espancado e interrogado.

No conto, o autor inicia discorrendo a respeito de uma cena de tortura cujo plano musical de fundo entoava uma sinfonia do finlandês *Jean Sibelius*.

“Os acordes da Sinfonia no 2, do finlandês Jean Sibelius, penetravam as tâmporas como facas incandescentes. Afiladas por uma luz fria, seca, mortal. Queimavam o cérebro. Suspenso no ar por um cano entre dois cavaletes de madeira. Cotovelos e joelhos, dobrados. (O corpo em concha como o de um feto tardio que realiza o esforço final para se libertar da placenta que o mergulha e arrebentar o ventre, agora inútil, que o cerca. E nascer. Ainda que seja para a morte).” p. 33.

O apelo ao recurso metafórico ligado a narração procurou enfatizar elementos característicos nas sessões de tortura, como pendurar o torturado suspenso no ar, mãos e pés presos por um cano, e a utilização repetitiva da música não para amenizar as violências, mais de imprimir no consciente do torturado perturbações.

“Gritos sobre gritos. A algaravia ensurdecadora não abria espaço para respirar ou distinguir de onde viria o próximo golpe. Madeira e choques. Madeira e choques. Baldes d’água. Os fios desencapados percorrendo o corpo, como se exercitassem à fogo o arabesco de uma tatuagem. Pelas narinas subindo o cheiro de pele tostada” p.33–34.

O desenrolar da narrativa faz referência ao próprio relato testemunhal de Tierra, ao perpassar pelos traumas da violência das sessões de tortura sofrida pelo autor, como se nota no final do conto.

“Trinta anos depois, no extenso ocaso desta estação de poeira e estanho que baixa sobre o planalto, caminho entre as árvores de um parque, há menos de três mil metros da área militar onde se deu o surpreendente encontro que lhes ofereço nesse registro. Árvores retorcidas, esculpidas pela aridez e a vertiginosa oscilação da temperatura do cerrado. Um parque amplo, cultivado para o lazer de pessoas que desconhecem os subterrâneos que narro. Se perguntadas, dirão que trato de pessoas imaginárias, de um conflito imaginário, num país imaginário.” p. 44.

O segundo conto é composto por IV partes e é intitulado, *Ao filho do alfaiate, para que seja condenado à perpétua insônia*. As narrativas do conto se desenvolvem a partir de relatos de colegas de cela de Tierra enquanto esteve preso. São retratados momentos de tensões e violências durante o período da ditadura militar, cujo enredo central caracteriza as articulações políticas dos grupos de guerrilhas urbanas em 14 de julho de 1972 no bairro da Mooca, em São Paulo, com descrições que detalham o ambiente urbano operário da época.

Haverá muitos relatos possíveis sobre o que aconteceu naquela manhã. Vou servir-me de um deles. Precário. Sussurrado de uma cela para outra. Pontilhado de lacunas e interrupções. Lapsos que duram dias. E exigem a cada recomeço, a árdua reconstrução com os fragmentos disponíveis que resistem na memória, para recompor o mosaico e encontrar algum sentido que explique a fria arquitetura daquela tragédia. p. 50.

Depois das quedas na região de Moema e no Sumaré, o bairro da Mooca fora escolhido pelo comando como área mais favorável e segura para pontos e eventuais reuniões. O isolamento da guerrilha urbana contra o regime era tamanho que, em geral, as reuniões se realizavam dentro de uma Kombi em movimento... Com cinco participantes, contado o motorista. p. 50.

Novamente é enfatizado pelo autor o teor da crueldade das sessões de tortura. Dessa vez, é descrita na narrativa uma sessão de tortura por um dos instrumentos mais traumáticos utilizados nos anos de chumbo, a *cadeira do dragão*.

Sentam-me numa cadeira. Bruscos. Despido, sinto a chapa metálica do assento. A Cadeira do Dragão já é conhecida. Nessa tarde sem gritaria, metódicos, forçam os pés na trava inferior da cadeira e me atam fios em volta do pênis. Os jacarés presos nos lobos das orelhas, nas pontas dos dedos. As mãos imobilizadas por correias de couro nos braços da cadeira. E pinos entre os dentes. E giram a manivela dos dínamos. Sem economizar energia. O relâmpago no cérebro e um gosto de vidro quebrado riscando o céu da boca. p. 57.

O desfecho do conto se dá a partir de um movimento — que pelo relato do autor nos confirme que pudessem acontecer corriqueiramente —, a infiltração de pessoas nas ações dos grupos cujo objetivo era passar informações aos militares. Nesse sentido, o autor nos faz revisitar o título do conto ao revelar que

o filho do alfaiate, na verdade, seria o companheiro que viera lhe dedurar em troca do tão desejado diploma de médico.

Sobrevivi à partida de xadrez contra a morte. Sobrevivi, talvez, para contar todas essas coisas presas nas armadilhas da memória. Uma cirurgia plástica modificou-lhe o rosto para que pudesse suportar o reflexo do espelho e andar pelas ruas sem o incômodo de ser reconhecido. Alcançou o diploma de médico, como desejava. Dois prêmios pelos obscuros pactos que cumpriu. Pagos com a retribuição da tirania pelos ossos dos companheiros assassinados que arrasta atrás de si, por varandas e madrugadas. p. 65.

Por fim, o autor destaca o clima de medo e vigilância, a violência do regime militar e a coragem dos militantes em resistir, além de apontar que a memória, frente a opressão e a brutalidade, manifesta-se de maneira vulnerável e também fragmentada. Esse processo representa um retrato de um país asfiziado pelo silêncio que fora imposto nas fábricas.

Considerações finais

A ditadura militar brasileira, foi um evento marcado por violências e traumas por aqueles que resistiram ao sistema, que lutaram em prol das imposições. Coube à literatura testemunhal de Pedro Terra o papel de denunciar essas atrocidades, a arte cumpre um papel decisivo nesse sentido, expressado na obra *Pesadelo* (2019). No livro, notou-se um visível desejo em sua escrita de que as memórias do horror da tortura e da repressão não passem, não caiam no esquecimento com o tempo e é justamente por isso que elas precisam ser registradas. (Camila, 2017).

O relato biográfico de Pedro Terra revela o engajamento político na juventude, a clandestinidade, as perseguições, a participação na luta armada, as prisões e torturas aos vinte e quatro anos. Representa o retrato de quem não se calou diante das atrocidades que foram os anos chumbo. *Pesadelo* (2019) surge das consequências desses traumas que continuam presentes no inconsciente do autor, materializadas em narrativas na obra.

No livro, o poeta/militante tece suas reflexões iniciais com uma advertência, ao dizer: “*O círculo perfeito: as tiranias no Brasil ora nos perseguem, ora se anunciam. Ora vestem fardas, ora envergam togas*”, depreende-se a partir do trecho que, no Brasil, há muito dos resquícios da sociedade patriarcal formada

nos primórdios de nossa sociedade. A advertência nos remete ao processo analítico repetitivo na nossa história do tempo presente e nos instiga a refletir a respeito da atual conjuntura política do país.

É nesse contexto que Hamilton Pereira, de heterônimo Pedro Tierra, militante político, preso e torturado durante esses períodos nefastos que assombraram e assombram o Brasil, que o poeta/militante escreve para furar as bolhas dos que insistem em solidificar as bases de uma memória posta como verdadeira, em detrimento dos sofrimentos, das torturas e dos traumas dos sobreviventes da opressão e do pensamento oficial.

A interdisciplinaridade entre os estudos históricos e o processo analítico nos permitiu compreender que, uma sociedade sem memória é uma sociedade fadada às repetições dos eventos traumáticos, como o retorno a regimes fascistas, preconceitos às minorias socialmente excluídas, etc., e que o processo da elaboração pode ser a tomada de conscientização histórica de uma sociedade, pois os sujeitos criam condições para refletir sobre a realidade na qual estão inseridos.

Referências

BATISTA, Suellen; PANTOJA-SARMENTO, Tânia. LITERATURA DE TESTEMUNHO E REGIME MILITAR: BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS. **XIV ABRALIC**, p. 10, set 2014.

BEZERRA, Danieli Machado. A História resiste onde a Psicanálise insiste: diálogos entre dois campos que investigam o passado. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Ano XII, no.spe. pp. 31-37.

BRAGA, Sabrina Costa. O historiador e o excesso: Introdução a História e Psicanálise. In: **História e Psicanálise**. Orgs. Sabrina Costa Braga; Murilo Gonçalves. *Alegre, RS: Editora Fi, 2021. 323 p.*

BRITTO, Flávio André Alves; ARANHA, Gervácio Batista. Construindo Verdades Verossímeis a partir das Ficções: por uma hermenêutica histórico-literária, *in Epistemologia, historiografia & linguagens*, orgs Gervácio Batista Aranha, Elton John da Silva Farias, – Campina Grande: EDUFCG, 2013. 327 p.

CALEGARI, Lizandro Carlos; HAISKI, Vanderléia de Andrade. DITADURA, TRAUMA E AS MEMÓRIAS DO ESQUECIMENTO, DE FLÁVIO TAVARES. **Revista Língua e Literatura**, v. 21, n. 37, jan./jun. 2019.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo; SANTOS, Jacielle da Silva. LITERATURA DO TESTEMUNHO NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE A GUERRILHA DO ARAGUAIA. **Revista ENTRELETRAS**, v. 11, n. 2, mai./ago. 2020.

FORNOS, José Luís Giovanoni. Uma leitura do testemunho e do trauma em *Combateremos a sombra*, de Lídia Jorge, *Eu sou a árvore*, de Possidônio Cachapa e *A última canção da noite*, de Francisco Camacho. **Letrônica**, v. 11, n. 3, jul.-set. 2018.

FREUD, Sigmund [1856-1939]. **Luto e melancolia**: Título original: *Trauer und melancholie*. Orgs. Maria Rita Kehl; Modesto Carone; Urania Tourinho Peres. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone, São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREUD, Sigmund (1914) Recordar, Repetir e Elaborar. In: FREUD, **Sigmund. Fundamentos da Clínica Psicanalítica. (Obras Incompletas)**. 1ª ed. Belo Horizonte, 2017, p. 151-164.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação, **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Vol. 6 Nº 11, Julho de 2014.

JAQUES, Ana Augusta Brito. As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, vol.4, no.1, jan./jun. 2012.

MARCONDES, Sérgio. História, memória e psicanálise: opostas ou complementares? In: **História e Psicanálise**. Orgs. Sabrina Costa Braga; Murilo Gonçalves. Alegre, RS: Editora Fi, 2021. 323 p.

MONTEIRO, Gustavo Feital. **Analisando a escrita do passado: sobre o conceito de “literatura de testemunho” de Seligmann-Silva**, Revista Vernáculo n.º 41, p. 15-36, primeiro semestre /2018.

MOTA, Murilo. "Sob o governo de gorilas": a perseguição aos funcionários homossexuais do Ministério das Relações Exteriores em tempos de AI-5. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 68, p. e236802, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8676339>. Acesso em: 07 dez. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. NARRAR O TRAUMA – A QUESTÃO DOS TESTEMUNHOS DE CATÁSTROFES HISTÓRICAS, **psic. clin.**, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65 – 82, 2008.

SILVA, Camila Maria Moreno da. **Pedro Tierra, o poeta da resistência: os Poemas do povo da noite e a poesia de testemunho**. 97, Tese Mestrado, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2017.

SILVA, Walkiria Oliveira. **Construções de memórias da Ditadura Militar brasileira: entre o trauma e o esquecimento**. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.23, n.2, jul./dez. 2010.

STEINBACH, Amanda Maíra, PSICANÁLISE FREUDIANA E HISTÓRIA: POSSIBILIDADES E LIMITES DA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DOS SENTIMENTOS, **Revista de Teoria da História**, Ano 2, Número 5, junho/ 2011.

TIERRA, Pedro. **Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo** – São Paulo: Autonomia Literária: Fundação Perseu Abramo, 2019.

VAINFAS, Ronaldo. HISTÓRIA DAS MENTALIDADES E HISTÓRIA CULTURAL. **Domínios da História Ensaios de teoria e metodologia**. Orgs. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, 5º ed, Editora Campus Ltda, 1997.

VARGAS, Andrea Quilian de; UMBACH, Rosani. *Tropical sol da liberdade: narrativa pós-traumática, espaço de dor e esquecimento*. **Revista Moara**, n.37, jan.-jun, 2012.

Os textos enviados para a revista devem ser escritos em português e este texto serve de modelo para a digitação do artigo, siga-o.

O artigo deve ter, no mínimo, 12 e, no máximo, 18 páginas, incluindo tabelas, quadros e figuras; deve ser redigido em língua portuguesa, utilizando Word for Windows ou compatível e ser salvo em formato doc. Deve apresentar espaçamento 1,5 entre linhas, fonte Arial, tamanho 12. O recuo na primeira linha de cada parágrafo deve ser de 2,5.

Depois da Introdução (caracterizando a pesquisa, a justificativa que levaram à escolha do tema, bem como seus objetivos), devem vir as demais seções.

Título da Seção 2

A formatação dos títulos das seções é idêntica à da Introdução. Entre as palavras-chave e a introdução, deve haver duas linhas com espaçamento 1,5 em branco. Entre uma seção e outra e entre uma seção e uma subseção, deve haver apenas uma linha 1,5 com espaçamento em branco.

As Tabelas, Figuras e Quadros devem estar incluídos no corpo do texto, próximos do ponto onde estão sendo referenciados. Além disso, devem ser identificados com número e título ou legenda, conforme ilustram o Quadro 1 e a Figura 1 (no corpo do texto, as figuras, quadros e tabelas devem ser digitadas com a primeira letra em maiúscula, como mostrado neste parágrafo). Todo texto que segue após as tabelas, figuras ou quadros deve ser iniciado depois de uma linha em branco. O título dos quadros, tabelas ou figuras deve ter espaçamento simples entre linhas, como mostrado abaixo. Depois de cada quadro, figura ou tabela deve vir uma linha em branco.

Referências

As referências devem ser redigidas conforme normas da ABNT. Veja exemplos. E devem ser digitadas com espaço entre linhas simples e uma linha em branco entre as referências.

Mauro Sérgio Lima Oliveira

Professor da rede estadual do Estado Tocantins desde o ano de 2015. Atualmente leciona no Colégio Estadual Serra das Cordilheiras, município de Colmeia TO. Formado em licenciatura em História pela Universidade Federal do Tocantins, mestrando pelo programa de pós-Graduação em História das populações amazônicas (PPGHispam) da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9631452293116567>
